

Gestão integrada em SST

Profissional de saúde traça pontos de convergência entre as áreas de Qualidade e SSMA

► Marcia Bandini

Discutir a respeito da Gestão Integrada de Saúde e Segurança no Trabalho não é exatamente uma novidade, mas o assunto tem incorporado novos elementos como, por exemplo, o meio ambiente. Nos dias atuais, com a proximidade das mudanças propostas pelo novo texto da NR 1, que traz a gestão do risco para o centro dos programas de SST, esta discussão se torna ainda mais relevante. Este artigo pretende discutir o propósito de integrar os sistemas de gestão de quatro áreas: Saúde, Segurança, Meio Ambiente e Qualidade, sob a perspectiva de um profissional de saúde. Neste ponto cabe indagar: faz sentido pensar nesta integração? Em caso positivo, como fazê-la?

Em primeiro lugar, vale dizer que Gestão Integrada não significa ter todas as certificações (como ISO 9001, ISO 14001 e OHSAS 18001) de forma isolada. Faz-se necessário entender quais os pontos de convergência dos diferentes sistemas de gestão e por que os profissionais de SST devem trabalhar em favor de uma gestão que, mais do que integrada, seja eficiente. Como o principal objetivo da Gestão Integrada é preservar a vida e proteger/promover a saúde e a segurança de pessoas, correlacionam-se a seguir alguns modelos de saúde e segurança que podem ajudar a identificar tais pontos de convergência.

DETERMINANTES

Começando pela saúde, usa-se como referência o clássico modelo proposto por Dahlgren e Whitehead sobre as Determinantes Sociais da Saúde (veja Figura 1), validado e reafirmado por estudos posteriores, que discute os elementos que afetam o processo de saúde-doença para além dos fatores hereditários, idade, gênero e estilo de vida. Segundo o modelo, há condições socioeconômicas, culturais e ambientais a serem consideradas: mora-



dia, acesso a saneamento, educação e serviços de saúde, além de condições de trabalho.

Em síntese, “onde”, “como” e “no que” se trabalha faz diferença entre ter saúde ou adoecer. Não por acaso, o trabalho tem sido considerado em praticamente todas as recomendações relacionadas à promoção da saúde, desde a 1ª Carta de Promoção da Saúde (Ottawa, 1986) até mais recentemente a Política Nacional de Promoção da Saúde (Ministério da Saúde, 2010).

Por condições de trabalho compreendem-se o ambiente, processos, organização do trabalho, fontes de riscos, camadas de proteção, probabilidade de ocorrerem agravos à saúde, medidas preventivas, corretivas e de reabilitação. O ambiente de trabalho é propício à prevenção primária (incluindo a promoção da saúde) e à prevenção secundária. Para tanto, profissionais de saúde e segurança precisam trabalhar de maneira integrada, a fim de eliminar ou reduzir ao mínimo possível os riscos de agravos à saúde. É necessário conhecer as exposições e o perfil dos expostos. Perguntar-se:

- Quais os agravos à saúde que tais agentes químicos podem provocar?
- Quantos trabalhadores estão expostos, onde e durante a execução de quais atividades?
- Onde há exposição a ruído? Em que nível?
- Há exposições a químicos que potencializam os efeitos do ruído?
- Onde estão os riscos ergonômicos mais importantes?
- Quais tarefas podem ser modificadas?
- Há fatores psicossociais a considerar?
- Que tipo de informações pode-se obter a partir das avaliações de saúde e que podem retroalimentar o sistema de gestão?

Nesse sentido, não é inoportuno lembrar que o PPRA e o PCMSO são complementares. De fato, o PPRA pode e deve ser considerado um programa de saúde no sentido de que toma o controle dos riscos do ambiente de trabalho como ponto de partida para a prevenção dos agravos à saúde dos trabalhadores, como previsto na NR 9. O PCMSO, por sua vez, avalia dados de saúde com base nos exames médicos ocupacionais que trazem informações sobre a eficiência, ou não, desses

Marcia Bandini - Médica especialista em Medicina do Trabalho (Anam/AMB), doutora pela FMUSP e diretora da Anam
marcia.bandini@gmail.com

*Tema discutido na conferência de abertura do 1º Congresso de Segurança e Saúde do Trabalho, realizado em maio/2014 em Fortaleza/CE.

- Onde estão as fontes de risco químico?

controles.

É fácil aplicar o ciclo do PDCA (*Plan, Do, Check, Act* ou Planejar, Executar, Verificar, Agir), presente em todos os sistemas de gestão, a um modelo integrado quando há boa integração entre PPRA e PCMSO. Pode-se colocar o PPRA e o planejamento do PCMSO como componentes da fase de planejamento/implementação de um programa integrado. Os dados epidemiológicos do PCMSO são úteis na fase de verificação e, juntamente com os dados de avaliação ambiental (quando presentes), podem e devem ser analisados criticamente para revisar a eficiência do sistema, retroalimentando-o através de medidas corretivas. Isso corresponderia à fase "Agir" do ciclo.

FATOR COMPORTAMENTAL

No tocante à segurança, muito se tem estudado e discutido atualmente sobre o elemento humano na prevenção de acidentes. De fato, o trabalhador tem sido entendido como um elemento que compõe um sistema mais amplo, sendo afetado e afetando os demais elementos como, por exemplo, programas, processos, procedimentos, o próprio ambiente de trabalho, a organização, os relacionamentos, a comunicação, o uso e a manutenção de equipamentos/máquinas e outros recursos necessários à execução do trabalho, além de outras pessoas.

Esta visão sistêmica incorpora princípios da ciência comportamental-cognitiva, bem conhecida pelos promotores de saúde, para explicar como as pessoas interpretam mensagens no ambiente de tra-

balho e como falhas humanas representam, na verdade, falhas sistemáticas. A compreensão das falhas sistemáticas, tendo o elemento humano como centro da observação e da análise, tem sido crítica para a prevenção de acidentes.

Desta forma, a aproximação da segurança com a área de saúde pode trazer benefícios, como a compreensão dos riscos psicossociais e seu impacto no desempenho dos trabalhadores, a utilização de técnicas de terapia comportamental-cognitiva comumente usadas na promoção da saúde para o empoderamento dos trabalhadores, dentre outras possibilidades. Na prática, porém, não se realiza essa integração entre saúde e segurança com frequência, o que resulta em falhas significativas na gestão, resultados pífios e desperdício de recursos. Como argumentar, então, na defesa da integração da SST?

Um bom argumento inicial passa pela constatação factual de que acidentes e doenças relacionadas ao trabalho afetam pessoas. Cerca de sete trabalhadores morrem todos os dias no Brasil, vítimas de acidentes de trabalho, totalizando aproximadamente 2,5 mil mortes por ano. No mundo, são mais de 2 milhões de vítimas de acidentes anualmente. A OIT estima que o número de acometidos por doenças relacionadas ao trabalho seja pelo menos quatro vezes maior.

Acidentes e doenças afetam a produtividade, seja pelo absenteísmo, presenteísmo, interrupção da produção, impacto negativo na motivação ou diminuição do engajamento dos trabalhadores. Sabe-se que, mais do que evitar altas taxas de

absenteísmo, são a vontade e o desejo de trabalhar que verdadeiramente promovem o almejado aumento da produção. Vontade esta que tende a desaparecer em um ambiente inseguro e não saudável.

Outro tópico frequentemente citado e que deve ser considerado são os custos diretos e indiretos de acidentes e doenças, que comprometem o desempenho econômico de qualquer organização. Como custos diretos, entendem-se as despesas com tratamentos, indenizações e prejuízos diretos. Custos indiretos incluem contratação de mão de obra de substituição, despesas com treinamentos, tempo e recursos consumidos em investigações e com a adoção de medidas corretivas, além dos custos relacionados ao impacto em imagem e reputação, os quais podem comprometer os investimentos de uma organização, bem como o recrutamento e a retenção de talentos.

A *American Society of Safety Engineers* calcula que, para cada dólar perdido diretamente com um acidente de trabalho, outros quatro dólares são perdidos em custos indiretos. Os dados parecem coincidir com a pesquisa do economista José Pastore, que faz o seguinte cálculo: cerca de R\$ 70 bilhões são desperdiçados todos os anos no Brasil como resultado de acidentes de trabalho.

QUALIDADE

O estudo da segurança e da saúde como um sistema vivo, dinâmico, faz com que trabalhadores influenciem e sejam influenciados por outros elementos, como processos, organização e programas. Nesse

astra[®]

Assessoria Trabalhista Empresarial

**ASSESSORIA DE QUEM
ATUA NESTA ÁREA
HÁ MAIS DE 30 ANOS**

**INTERLIGAÇÃO DE
DOCUMENTOS**

**FOCO NA DIMINUIÇÃO
DAS DEMANDAS
TRABALHISTAS**

ATENDIMENTO NACIONAL

Segurança, Medicina e Engenharia do Trabalho

NOVIDADE

Agora o sistema integrado de gestão de Segurança, Engenharia e Medicina do Trabalho desenvolvido pela astra e utilizado há vários anos pelos clientes de nossa assessoria, poderá ser também utilizado por outras empresas.

AUDITORIAS, EMPRESAS COM SESMT, PROFISSIONAIS AUTÔNOMOS já podem usufruir do ASTRASIS, o sistema fácil e eficaz na integração dos dados necessários para a melhor gestão ocupacional e que tornaram a Astra aclamada pelos profissionais de RH.

Ligue já e consulte. Você pagará apenas pelo número de vidas atendidas.

(11) 3174-4417

astrasis[®]
Sistema de Gestão Ocupacional



Figura 1 Determinantes sociais da saúde*



*Modelo de Dahlgren e Whitehead

contexto, quem primeiro discutiu a melhoria contínua de processos foi exatamente o Sistema de Gestão da Qualidade, logo após a Segunda Guerra Mundial em países como Estados Unidos e Japão, e um tanto depois no Brasil, já na década de 1970. Em suma, é dentro do Sistema de Gestão da Qualidade que o ciclo PDCA é proposto. Além do mais, embora inicialmente pensado para garantir a qualidade de produtos e serviços, o Sistema de Gestão da Qualidade pode ser um poderoso aliado na Gestão Integrada de SST.

Processos padronizados e mais estáveis, com produção/execução adequadamente planejadas, têm clara associação com segurança. Apesar desta relação não ser proporcionalmente direta, é mais fácil haver gestão de SST eficiente em organizações já possuidoras de uma cultura de controle de processos na busca da melhoria contínua. Dados observacionais mostram que processos eficientes são reconhecidamente mais seguros.

A Gestão da Qualidade também pode ser uma excelente porta de entrada para a gestão de um dos maiores desafios de SST: o gerenciamento de mudança. Como mudanças de componentes de máquinas/equipamentos, produtos químicos e processos produtivos podem impactar a qualidade de produtos/serviços? A Gestão da Qualidade é geralmente a primeira área a ser envolvida em qualquer mudança. Ao trabalhar de forma integrada com SST, a área de Qualidade ajuda na antecipação de riscos que podem provocar acidentes ou agravos à saúde.

Exemplos incluem a substituição de peças por outras de material diferente, podendo comprometer sua resistência a pressões e temperaturas elevadas e oca-

sionando acidentes; mudança de equipamentos ou em sua manutenção, provocando maior emissão de ruído sem a devida revisão do PCA; e aquisição de novos produtos químicos sem a revisão de riscos, do controle médico e do PPR. Esses são apenas alguns sinalizadores de como a integração de SST com a Qualidade pode trazer

benefícios para todos os trabalhadores.

MEIO AMBIENTE

Outra maneira mais ampla de pensar nos trabalhadores é o Modelo ecológico (veja Figura 2). Nele, trabalhadores pertencem a famílias inseridas em comunidades do entorno, que por sua vez estão englobadas em uma sociedade maior (incluindo consumidores), todos inseridos na esfera ambiental. Nesse modelo, em que os elementos estão conectados e interagem em escalas cada vez maiores, os riscos ocupacionais podem ser carreados a outros grupos, com impactos importantes para a saúde pública e ambiental.

Como emissões, efluentes e resíduos não respeitam cercas, muros e jurisdições, são muitos os exemplos nos quais as falhas no processo produtivo ou em saúde e segurança afetaram pessoas que não estavam diretamente envolvidas com uma determinada organização, mas eram partes interessadas. Esses impactos podem estar direta ou indiretamente relacionados à produção, incluindo falhas no ciclo de vida do produto.

Talvez um dos exemplos mais didáticos

Figura 2 Modelo ecológico



seja o do amianto: dados da OMS mostram o aparecimento de mesoteliomas de pleura em regiões onde não há produção ou mina de amianto. Ou a contaminação por chumbo em crianças de comunidades vizinhas a distritos industriais na China. Na Hungria, por exemplo, moradores morreram devido ao rompimento de uma área de armazenamento de resíduo cáustico. Há ainda a contaminação por mercúrio, seja em Minamata, no Japão, ou na Bacia do Rio Tapajós, no Brasil. Ou a contaminação por PCBs (bifenilas policloradas) em lavouras próximas a áreas industriais na Alemanha. Por fim, a existência de áreas contaminadas por pesticidas em São Paulo.

Todos esses casos, e muitos outros, foram consequências de falhas em processos produtivos, ou em medidas de segurança, ou então falhas no monitoramento de saúde que não alertaram para o que estava por vir. Desta forma, fica clara a importância de que os dados ambientais sejam considerados para uma Gestão Integrada com SST e Qualidade. Sugere-se que, além de dados relacionados a emissões, efluentes e resíduos, as organizações também estejam atentas a potenciais queixas de saúde das comunidades ou a mudanças no perfil de adoecimento da localidade, usando dados disponíveis publicamente.

SUSTENTABILIDADE

Mais do que integração, é essencial procurar a eficiência dos sistemas, sempre em busca da preservação da vida. Não é tarefa fácil integrar tantos saberes e profissionais de diferentes formações, mas, apesar da dificuldade inicial, esta é uma necessidade e uma demanda de toda a sociedade.

No momento em que a sustentabilidade é a discussão em voga, vale lembrar que ela está apoiada nos pilares social, ambiental e econômico. Não é possível almejar ser uma organização sustentável sem a contrapartida em saúde, segurança, respeito ao meio ambiente e controle rígido do processo produtivo. Não por outro motivo, a OIT elegeu duas prioridades para o século 21 em sua última Conferência Internacional de Saúde do Trabalho: o desenvolvimento sustentável e o trabalho digno para todos. Trabalhando juntos, profissionais de Saúde, Segurança, Qualidade e Meio Ambiente podem contribuir para alcançar esses objetivos.